

Cidades usam 12 Maracanãs de areia para alargar praias



A praia de Canasvieiras, em Florianópolis (SC), primeira a ter engorda de areia, em 2020

Cidades correm para alargar praias com 12 Maracanãs de areia

Especialistas alertam para projetos ainda insuficientes e para o alto custo na manutenção dessas intervenções

PRAIAS ALTERADAS

Italo Nogueira

NO DIA 20 DE ABRIL de 1990, o então governador de Santa Catarina, Paulo Hartung, assinou o decreto que criou o Plano Estadual de Defesa Costeira do Estado de Santa Catarina.

A estratégia é mais defendida por oceanógrafos para mitigar a erosão costeira. Mas especialistas criticam o alto custo de realização e manutenção, e apontam a existência de projetos limitados que podem gerar problemas ao longo do litoral no futuro.

Levantamento da Folha identificou 24 intervenções de grande porte feitas entre 2018 e 2023, ou projetadas para ocorrer nos próximos anos.

Além das engordas de praia, que ganharam projeção nacional após as obras em Balneário Camboriú (SC) em 2021, há também a construção de espigões, estrutura rígida, geralmente de pedra, perpendicular à praia para reter areia. As obras visam mitigar a erosão costeira, que atinge cerca de 6% do país, segundo o livro "Panorama da Erosão Costeira no Brasil", de 2018. Mir também a ampliação de áreas de lazer e desenvolvimento turístico das cidades.

"Uma ocorrência perigosa dos municípios. Esse tipo de empreendimento tem que ser muito bem estudado e não pode ser uma panaceia. Tem que ver o motivo da erosão e tomar procedimentos técnicos embasados, para não acontecer o que já vimos ocorrer em muitos lugares: gastar um milhão com uma engorda e não adiantar nada", afirma Ana Paula Prates, diretora do Departamento de Oceanografia e Gestão Costeira do Ministério do Meio Ambiente.

O uso da engorda de praia é antigo no país. O caso mais conhecido é a praia de Copacabana, no Rio, na década de 1970. Ela ganhou força em Santa Catarina no fim da década de 1990. Balneário Pôrtairas (SC) fez seu primeiro projeto em 1998. Balneário Camboriú realizou um plebiscito em 2021 aprovando a obra, executada 22 anos depois. O oceanógrafo Antônio Klein, da UFSC, vê como po-

lítico dessa solução", disse ele. A obra em Balneário Camboriú (SC) custou R\$ 66 milhões, custados por empresários locais. Fábrica dos Guararapes (FG), que alarga a praia em Itajaí, planeja nova intervenção ao custo estimado de R\$ 20 milhões. Klein diz que é necessário monitoramento e planejamento para realimentar a areia. "Projetos de monitoramento e realimentação têm de estar no orçamento, pois, como toda obra, necessita de manutenção. Funcionam para o tempo planejado". Contudo, algumas obras do tipo já realizadas sequer executaram seu projeto por inteiro. Pôrtairas fez a engorda com 800 mil m³ de areia em 1999, mas não construiu espigões para reter os sedimentos. As ondas praticamente acabaram com a alimentação realizada e nova obra foi feita em 2021. As estruturas de pedra foram erguidas e nova engorda foi realizada com apenas metade do volume projetado.

Algo semelhante ocorreu em Natal (RN) na ampliação da praia de Ponta Negra. O estado projetou fazer a alimentação artificial em 2012, mas, antes, construiu um emparelhamento para proteger emergencialmente o calçadão. A engorda acabou não sendo feita, e a estrutura rígida que consumia cerca de R\$ 5 milhões agorava a erosão.

As duas cidades agoraram parte da lista de novos projetos a serem executados. Somadas aos já realizados desde 2018, as intervenções previstas no país levarão à instalação de, no total, 24,5 milhões de m³ de areia no litoral do país — o equivalente a 1,2 vezes o volume do estádio de Maracanã. A estimativa de custo total chega a R\$ 1,8 bilhão.

Além de obras em "boom", dessas obras, o Brasil movimenta um volume bem menor de sedimentos do que os Estados Unidos, que habitualmente tem o triplo de extensão do litoral. Lá foram usados 30 milhões de m³ de areia para o mesmo período.

O oceanógrafo Ricardo Hapenit, coordenador do Instituto (Associação Nacional dos Órgãos Municipais de Meio Ambiente), afirma que o governo federal deve ampliar sua participação nos convênios dos projetos. Para ele, é importante "entender o contexto regional, ou até mesmo subnacional, para saber de onde está vindo aquele problema".

Ele cita como exemplo o município de Itapicuí (SP), do qual foi secretário de Meio Ambiente. A cidade passou a sofrer com a erosão na praia após a dragagem necessária para a instalação de um porto na cidade vizinha, São Francisco do Sul (SC). A cidade agora tem projeto o maior projeto de engorda do país, utilizando 24 milhões de m³ de areia retirada da baía ao custo de R\$ 60 milhões.

"O governo federal deveria assumir esse protagonismo, porque muitos dos problemas que foram causados nas cidades têm dado de algum ministério que, por alguma razão, formou sua própria obra", afirma Hapenit.

Barragens ao longo dos rios também tiram areia das praias. Essa é uma das razões apontadas para a destruição da praia de Aracaju, em São João del-Rei (MG), exemplo clássico de erosão costeira no país, afetada pelas estruturas instaladas no rio Paraíba do Sul. Todos os especialistas afirmam que a obra não dá chances de impedir o avanço do mar em caso de elevação significativa dos oceanos em razão do aquecimento global. "A longo prazo tudo vai por água abaixo. Não tem muito como segurar", disse o geógrafo Dieter Muehle, coordenador do "Panorama da erosão costeira no Brasil".

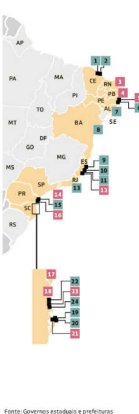
Série mostra os impactos no litoral brasileiro

A Série Praias Alteradas ouviu especialistas e autoridades envolvidas nas dezenas de obras realizadas nos últimos anos no litoral do país. Os textos também vão apontar quais os impactos locais das intervenções, e como muitas falhas se repetem em diferentes municípios do país, que não contam com uma integração regional ou nacional para combater a erosão costeira.

Obras no litoral do país

■ Obras já executadas (2018-2023) ou em execução

■ Obras planejadas



- Ceará (CE)**
- Fortaleza (CE)**
- Natal (RN)**
Alargamento previsto desde 2011, quando obras parciais agravaram erosão. Aguarda aprovação de R\$ 96 milhões de governo federal
- Palo Pesseca (PB)**
Obra suspensa após críticas ao projeto
- Laboratório dos Guararapes (PE)**
- Cabo de Santo Agostinho (PE)**
- Maceió (AL)**
Cidade instalou blocos de concreto para conter avanço do mar
- Itaparica (BA)**
- Guarapari (ES)**
- Hapenit (ES)**
- Praia de Camburi (Vitória, ES)**
- Praia do Iate (Vitória, ES)**
- Cabo Frio (RJ)**
- Iha Bela (SP)**
- Matinhos (PR)**
Obra de engorda em execução no país com uso de maior volume de areia (2 milhões de m³). Projeto total custou cerca de R\$ 314 milhões
- Guarubá (PR)**
- Itapoa (SC)**
Maior obra de alargamento de praia projetada no país, com uso de 12 milhões de m³ de sedimentos. Projeto estimado em R\$ 480 milhões
- Barra Velha (SC)**
- Praia das Canasvieiras (Florianópolis, SC)**
- Praia dos Ingleses (Florianópolis, SC)**
- Praia de Jurerê (Florianópolis, SC)**
- Balneário Pôrtairas (SC)**
- Navajante (SC)**
- Balneário Camboriú (SC)**

Fonte: Governo estadual e prefeituras

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Pagina: 1